



## VOTO DE PESAR Nº 56 /XII

### **Pelo falecimento de António Tabucchi**

Antonio Tabucchi nasceu em Pisa em 1943. Nos anos 60 vai para Paris e é aí que descobre Fernando Pessoa que começa por ler em Francês. O seu entusiasmo pelo poeta vai influenciar definitivamente a sua vida.

Para além aprender a língua portuguesa, Tabucchi viaja até Lisboa onde conhece algum dos grandes nomes da nossa cultura como Alexandre O'Neil e José Cardozo Pires de quem se torna amigo. É também em Portugal que conhece a mulher que partilhará a sua vida, Maria José Lancastre, e juntos traduzem grande parte da obra de Pessoa para italiano tornando-se um dos seus grandes divulgadores tanto em Itália como em França.

A profunda ligação que teceu com a nossa cultura, que alimenta o seu imaginário, a sua melancolia pontuada pela ironia dos lúcidos, concretiza-se em 2004 quando adquire a nacionalidade portuguesa.

De 1987 a 1999, António Tabucchi dirige o Instituto Cultural em Lisboa, mas continua a partilhar a sua vida entre Lisboa, Pisa, Florença e Paris sem nunca deixar de ensinar Literatura Portuguesa na universidade de Siena.

Escreve crónicas para o Corriere della Serra em Italia e para o El país em Espanha.

Se Fernando Pessoa é omnipresente na sua obra, Tabucchi não se deixa por isso dominar pelo seu estilo. Os seus romances, histórias breves, caracterizam-se por um certo onirismo sensual que tinham como personagens centrais seres sem chama que vêm a sua existência transformada por uma viagem ou um encontro.

Mas António Tabucchi foi também um homem de causas, acérrimo defensor da liberdade de expressão, fundador do parlamento internacional dos escritores, e frontal opositor a Silvio Berlusconi. É de salientar também a sua defesa dos direitos da comunidade cigana. Considerava que o racismo e a xenofobia « não são monstros saídos do nosso imaginário » mas que devem a sua força à sua banalidade. « A banalidade do mal » de que falava Hannah Arendt.

Antonio Tabucchi recebeu vários prémios literários: O prémio Medici para a melhor obra estrangeira em França em 1987 por Nocturno Indiano, o Prémio via Reggio e Campelo assim como o prémio europeu Jean Monnet em 1994, com Afirma Pereira uma das crónicas mais impiedosas do cinzento quotidiano salazarista.

